

Diogo

e o mistério das sete pedras

TEXTO

Carla Torres Moreira

ILUSTRAÇÕES

Luís Rosado Lopes



ROTA DO
ROMÂNICO

Título Diogo e o mistério das sete pedras
Propriedade e Edição Rota do Românico
Coordenação Geral Luís Monteiro
Revisão da Edição António Coelho
Texto Carla Torres Moreira
Ilustração Luís Rosado Lopes
Design Gráfico Fedra Santos
Impressão Rainho & Neves
Tiragem 1000
Edição 2.ª – Junho de 2023
1.ª – Dezembro de 2014
ISBN 978-989-53883-2-5
Depósito Legal 517410/23



© Rota do Românico
Praça D. António Meireles, 45
4620-130 Lousada
T. +351 255 810 706
T. +351 918 116 488
rotadoromanico@valsousa.pt
www.rotadoromanico.com

Cofinanciado por:





Diogo

e o mistério
das sete pedras

TEXTO

Carla Torres Moreira

ILUSTRAÇÃO

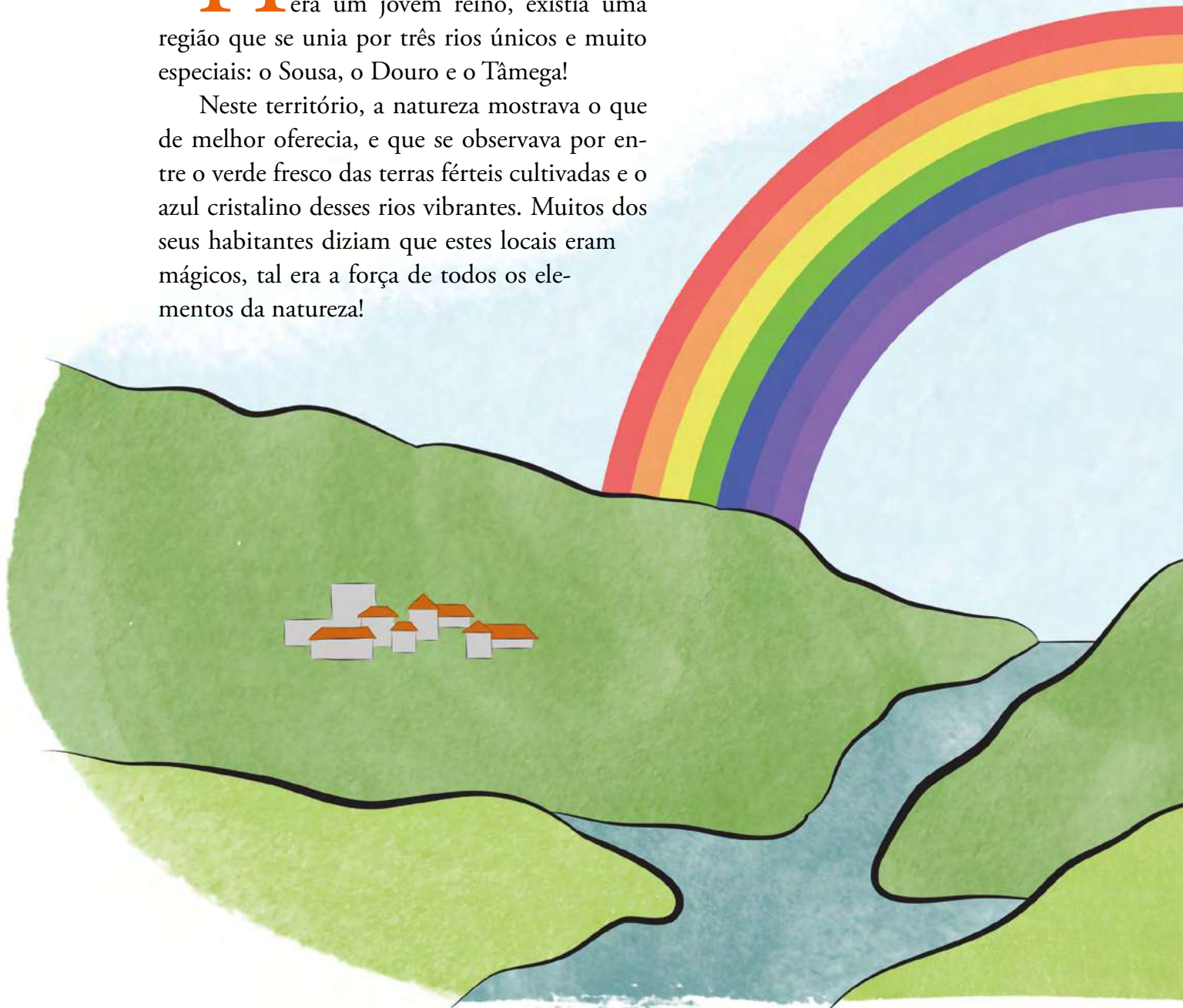
Luís Rosado Lopes



ROTA DO
ROMÂNICO

Há muitas centenas de anos, numa época longínqua em que Portugal era um jovem reino, existia uma região que se unia por três rios únicos e muito especiais: o Sousa, o Douro e o Tâmega!

Neste território, a natureza mostrava o que de melhor oferecia, e que se observava por entre o verde fresco das terras férteis cultivadas e o azul cristalino desses rios vibrantes. Muitos dos seus habitantes diziam que estes locais eram mágicos, tal era a força de todos os elementos da natureza!



No alto dos montes e serras desvendava-se, por entre os serpenteados dos três rios, pequenas e acolhedoras aldeias, em que os seus habitantes trabalhavam de sol a sol, mas também se uniam em momentos especiais de diversão!

Era numa dessas aldeias, com o nome de Gralheira, que muitos chamavam de princesa da serra de Montemuro, que nasceu Diogo, filho de Gonçalo e de Inês.



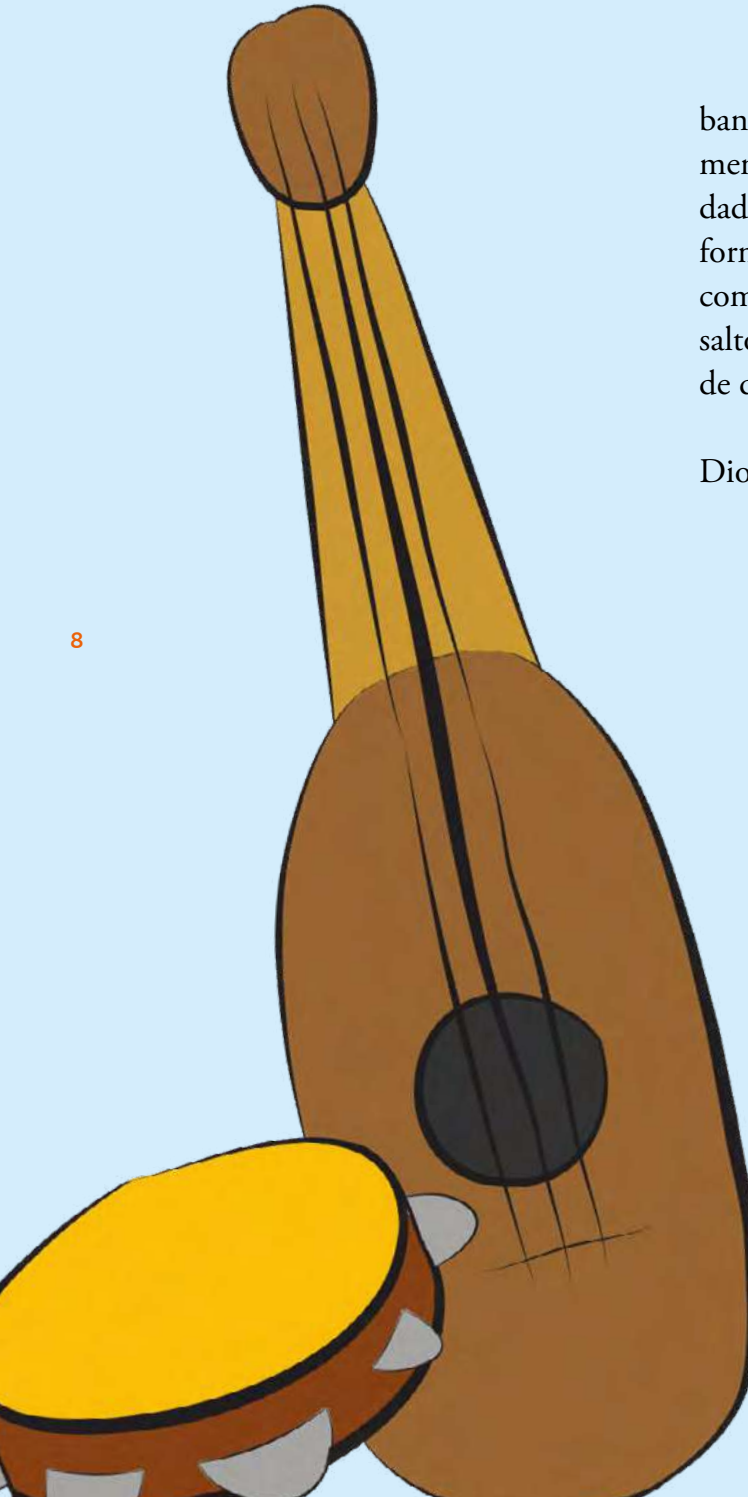
Diogo foi considerado o mais belo rapaz da aldeia, não só pelos lindos olhos verdes, que mais pareciam esmeraldas, mas porque desde cedo se revelou um menino muito carinhoso e que tentava sempre ajudar, incansavelmente, todos os habitantes da aldeia. Dia após dia, Diogo foi revelando ser também um menino muito inteligente, corajoso, aventureiro e deveras brincalhão. Desde criança que Diogo gostava de organizar festas e brincadeiras que animavam quem com ele se cruzava.

A sua força e o gosto de distribuir alegria
entre todos os que o rodeavam,
transformaram Diogo no
mais célebre habitante
da Gralheira!



Num dia em que o sol brilhava e iluminava ainda mais a aldeia, um grupo de jograis – conjunto de artistas muito divertidos, que andava de terra em terra, por castelos e casas muito importantes – fez uma pausa na viagem para ensaiar as suas habilidades. Diogo ficou fascinado pelas brincadeiras, acrobacias e músicas que eles realizavam, e decidiu que um dia também seria um brilhante artista! Imaginou que poderia melhorar todas as suas habilidades e que seria um grande saltimbanco no futuro. E assim foi!



A stylized illustration of a saltimbanco, a traditional Portuguese stringed instrument. It has a long, tapered neck with a rounded head and three strings. The body is a large, rounded, brown shape with a circular sound hole. In the bottom left corner, there is a yellow drum with a brown rim and white lugs. The background is a light blue gradient.

Diogo tornou-se num excecional saltimbanco, que a todos cativava através dos movimentos alegres e corajosos, que ficavam recordados em todos os locais por onde passava! A forma como Diogo – o Saltimbanco – realizava com perfeição as suas divertidas habilidades em saltos altos e trapalhões, com muitos momentos de diversão, deslumbrava tudo e todos!

Aliás, muitos já usavam uma rima antes de Diogo começar a atuar:

**Salta, salta, Saltimbanco,
Salta, salta, Diogo sem parar,
Com os teus saltos e alegria,
A diversão vai começar!**



Neste novo universo, e com grande sentido de união e de amizade, Diogo, por onde ia passando, foi conhecendo cada vez mais gente e, pela sua simpatia, foi criando um imenso grupo de amigos!

Apesar de terem esta ligação, esses amigos eram de diferentes classes sociais, desde a nobreza – importantes senhores que eram proprietários de muitas terras – ao clero – em que os monges que viviam nos mosteiros lhe davam apoio – e a muitos outros habitantes das inúmeras terras pelas quais Diogo ia passando.

Foi num desses mosteiros – o de Pombeiro –, que se situava nas terras em que passava o rio Sousa, que Diogo reencontrou o seu velho amigo Benjamim! Ele era um monge que tinha estado, ainda muito jovem, no Mosteiro de Cárquere, próximo do rio Douro e também da aldeia da Gralheira. Benjamim tinha um grande interesse pela leitura e gostava muito de história, pois considerava que o passado trazia muitas mensagens importantes para o presente e para o futuro. Desde a sua entrada na ordem beneditina que Benjamim demonstrou uma grande capacidade de escrita, e assim foi assumindo a função de descrever as histórias do mosteiro, quase como que um diário, a que davam o nome de costumeiro!



Benjamim estava a sair do belíssimo claustro de Pombeiro, quando Diogo foi ter com o seu amigo para lhe dar um grande abraço. Mas o monge estava com um ar muito preocupado e carregado de tristeza, o que muito deixou Diogo espantado. Diogo não se conteve e logo o questionou para o tentar ajudar.

– Benjamim, meu grande amigo, o que se passa para estares como as nuvens cinzentas que pairam sobre estas terras do Sousa?

– Olá, Diogo! Estes últimos meses têm sido muito estranhos e, como vês, estas nuvens negras não nos deixam. Dizem que os habitantes das aldeias aqui vizinhas do mosteiro nem sequer saem de suas casas... de tão assustados que andam... hummmm... andei a investigar sobre esta situação... hummmm... e nem o rio corre com a força de outrora... hummmm... pesquisei e pesquisei... hummmm...



– E, então, Benjamim!?!? O que descobriste?
Há algum motivo para o que está a acontecer? –
Perguntou Diogo com imensa curiosidade.



– Tenho andado, dia após dia, pelos livros antigos da livraria do mosteiro... hummmm... e há algo muito estranho que me está a preocupar... hummmm...

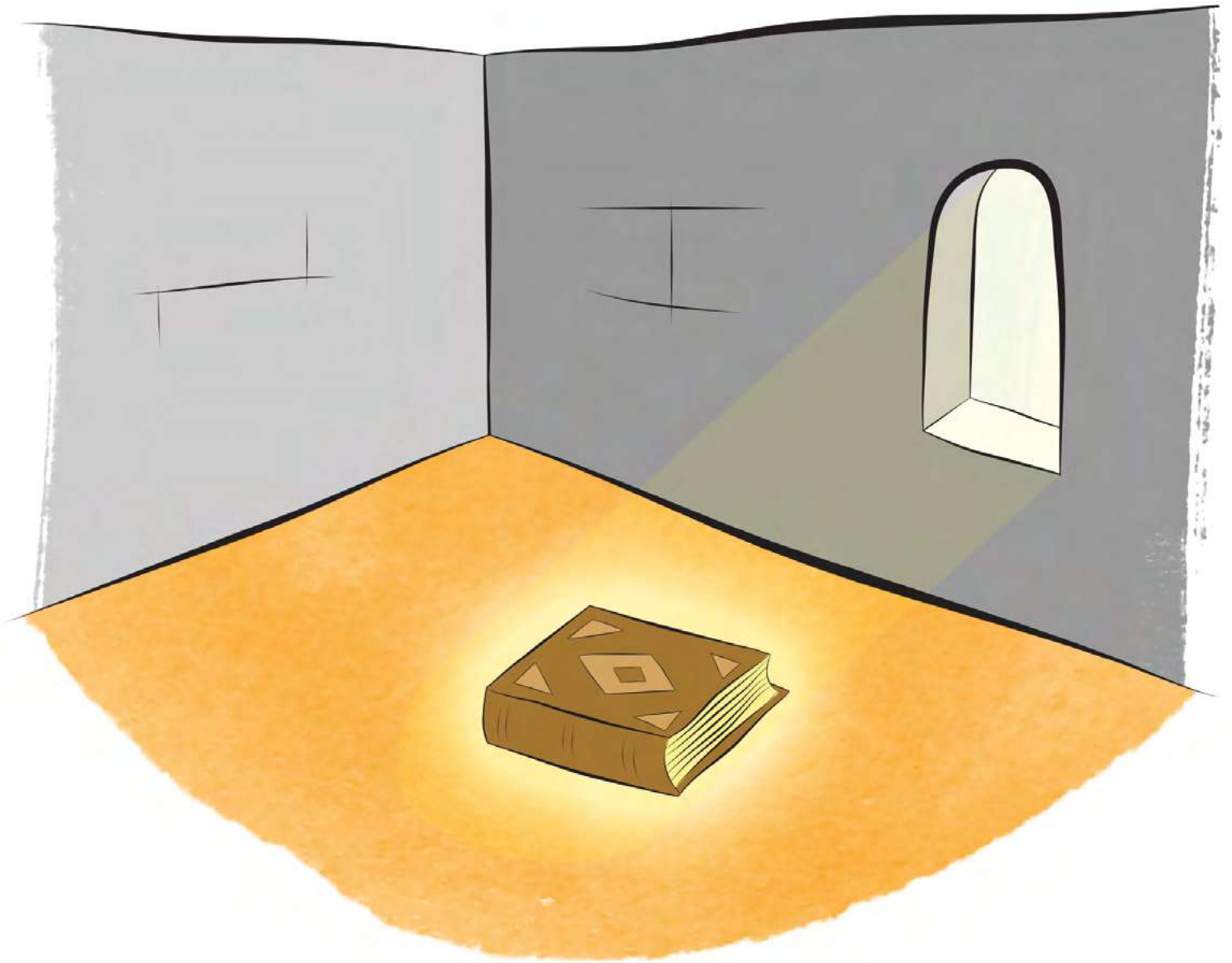
Diogo estava impaciente, curioso e também já preocupado... e Benjamim só murmurava, sem saber o que dizer ao seu amigo!

– Benjamim... tens de me contar o que se passa para te poder ajudar! E se falares será muito melhor! Se formos os dois a pensar, alguma solução iremos arranjar!

– Bom... tens razão, Diogo! E, provavelmente, só tu, um artista que anda de terra em terra, me poderá ajudar! Vamos para a livraria para te mostrar o que encontrei e falarmos sobre toda esta situação, para tentarmos encontrar a resposta a estas incertezas!

Chegados à livraria, Diogo ficou surpreendido pela beleza dos muitos livros que ali se encontravam. Mas a luz era muito fraca e as poucas velas não ajudavam a apreciar todo aquele espaço deslumbrante! Sentaram-se muito próximos dos livros mais antigos, e Benjamim foi mostrando ao seu amigo o livro que o deixava preocupado.





– Sabes, Diogo, este é o livro que tem os relatos sobre a construção deste mosteiro! Na semana passada, uma luz muito estranha iluminou-o e, só depois de o ler com muita atenção, percebi a sua importância!

Benjamim foi folheando, uma a uma, as muitas folhas daquele livro, que parecia muito frágil e interminável. Mas o seu cheiro e a sua textura tinham algo de diferente dos poucos livros que já tinha visto, mas eram raros os locais que, nesta época, tinham livrarias.

– Como podes ver, Diogo, este livro também tem inúmeros desenhos que mostram a riqueza da construção deste mosteiro! – Benjamim foi abrindo o livro até ao quinto capítulo e parou.

– É este capítulo que me deixa intrigado, Diogo! Aqui está mencionado o mestre Fernandes, responsável pela equipa dos artistas que realizou as maravilhosas esculturas para este mosteiro. Repara que até as conhecemos melhor pelos detalhes dos desenhos que aqui colocou!

– Concordo contigo, Benjamim! Este trabalho é mesmo fantástico! Só não entendo porque me estás a mostrar!?!? Não deveríamos estar a falar sobre o problema que te preocupa?

– Mas é mesmo esta situação que me preocupa, Diogo! Sete destas esculturas, que se encontravam nos portais, já não estão em parte alguma do mosteiro!!!!

– Então, o que lhes aconteceu? Foram roubadas? Destruídas? Ainda não entendi nada do que me estás a falar!!!! – Exclamou Diogo, surpreso pela situação. É que as pedras eram muito pesadas para desaparecerem...

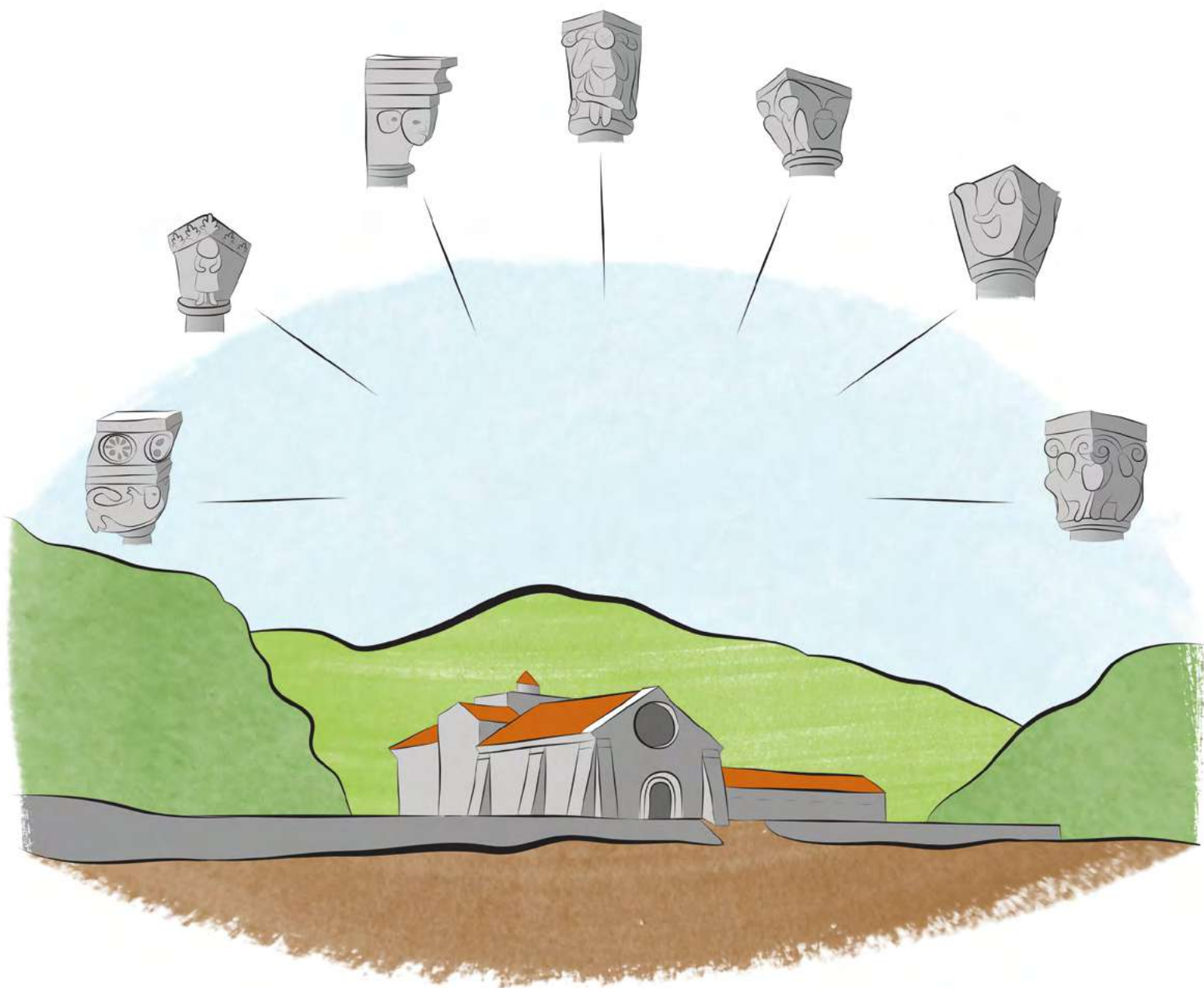
– Calma, Diogo! O que está escrito na última folha do capítulo indica que as pedras esculpidas foram para outros locais! Refere que, na altura, o abade do mosteiro não quis pagar o trabalho das esculturas, porque não estava como tinha pedido.



O mestre Rodrigues, muito aborrecido, acabou por as separar e ordenou que as mesmas fossem colocadas em sete monumentos distantes! Como que por ato de magia, lançou um feitiço para que o seu trabalho fosse reconhecido.

Assim se iniciou esta profecia que o mestre reclamava. Caso as pedras não voltassem para a sua construção original ao fim de cem anos, na última lua nova, a escuridão iria instalar-se para todo o sempre pelas terras do Sousa!

– Bom... o mestre só queria o pagamento do seu trabalho, Benjamim! Não acredito que ele também fosse uma espécie de mago que colocaria estas terras na miséria, só por causa de o trabalho não ser aceite pelo abade do mosteiro!



– Pois, Diogo, mas a verdade é que já passaram cem anos e daqui a quinze dias temos a lua nova. Temo que a profecia do mestre se concretize e que estas terras nunca mais voltem aos dias de raios brilhantes de sol que faziam mexer todos os seres desta região. Não sei o que fazer... hummm... snif... snif...

– Então, Benjamim!?!? Não podes ficar assim! Estive a pensar e tenho um amigo que está a trabalhar no Mosteiro de Ferreira. Conheces? Ele chama-se Pedro. E por teres falado no mestre Rodrigues, recordo-me de ele ter comentado que o seu bisavô foi um grande mestre de obras e julgo que ele pode ajudar-nos a compreender todo este mistério das pedras!

– Claro que conheço o Mosteiro de Ferreira! E acho que algumas das pedras que lá foram realizadas são semelhantes a algumas deste mosteiro. Será que ele nos poderia ajudar?

– Não me parece que tenhamos outra forma de conseguir resolver esta situação, Benjamim. Vou de imediato ter com ele, e logo te dou notícias, meu bom amigo! Ânimo, que todo este mistério se vai resolver! Acredita que estas terras vão voltar a ter a energia que sempre tiveram!



Diogo não perdeu nem mais um minuto e logo se pôs a caminho do Mosteiro de Ferreira. Enquanto realizava, apressado, a sua viagem, recordou-se dos belos desenhos daquelas pedras desaparecidas e, depois de muito pensar sobre eles, lembrou-se que algumas daquelas pedras lhe eram familiares... Há muitos anos que ele percorria todo aquele território mágico, unido pelos rios Sousa, Douro e Tâmega, e sabia da existência de importantes construções que tinham figuras que mais pareciam que estavam a falar com quem as observava, e aquelas sete pedras não eram exceção!

Após um longo percurso, com breves paragens, Diogo chega ofegante a Ferreira, e encontra o estaleiro dos trabalhadores que estavam a fazer as obras daquele magnífico mosteiro. Olhou e olhou, por entre o rebuliço do trabalho que ali se fazia, e encontrou, finalmente, o seu amigo! Pedro era um dos melhores artistas e faltava pouco para se tornar mestre de obras, tal como o seu pai, o seu avô e até o seu bisavô! A sua forma de trabalhar o granito era muito conhecida entre estes artesãos, a que davam o nome de canteiros!



Mesmo dedicando grande parte do seu tempo à arte da pedra, Pedro era muito alegre e gostava de participar em grandes momentos de animação com os amigos, também extremamente divertidos como o Diogo.

Quando se encontraram, Pedro achou estranho Diogo estar pelo estaleiro. Normalmente, só o via em grandiosas festas e foi numa delas que se tornaram grandes amigos, já que Diogo lhe tinha ensinado algumas habilidades de saltos e trambolhões que nunca mais esquecera.

– Olá, Diogo! Não andas perdido, pois não, amigo!? – Pedro deu uma grande risada, pois sabia que Diogo conhecia como ninguém todo este território.

– Pois... não estou nada perdido até porque já te encontrei! Estou numa missão muito importante e acho que só tu poderás ajudar!

Diogo contou a Pedro o que acontecia por Pombeiro e qual não foi o seu espanto quando Pedro lhe revelou que o mestre das obras primitivas em Pombeiro tinha sido o seu bisavô. Ele conhecia essa história, mas nunca pensou que alguma vez se concretizasse.





– Afinal, estas terras são mesmo mágicas, Diogo!!! Mas tenho a solução! Eu conheço essas sete pedras e até tenho o desenho delas. Porém, teremos de passar por cada uma delas para eu verificar se são as que tenho no arquivo dos trabalhos que a minha família realizou.

– Mas temos pouco tempo, Pedro! Teremos de ir já a esses locais e regressar, depois, a Pombeiro! – Diogo ficou muito preocupado com o tempo, pois sabia que teriam de atravessar por montes, serras e vales que rodeavam os três rios, e iriam demorar até chegarem a Pombeiro.

– Não te preocupes, tenho alguns amigos canteiros que nos poderão ajudar e conseguiremos chegar a tempo de colocar as sete pedras nos locais onde deveriam estar desde o início!



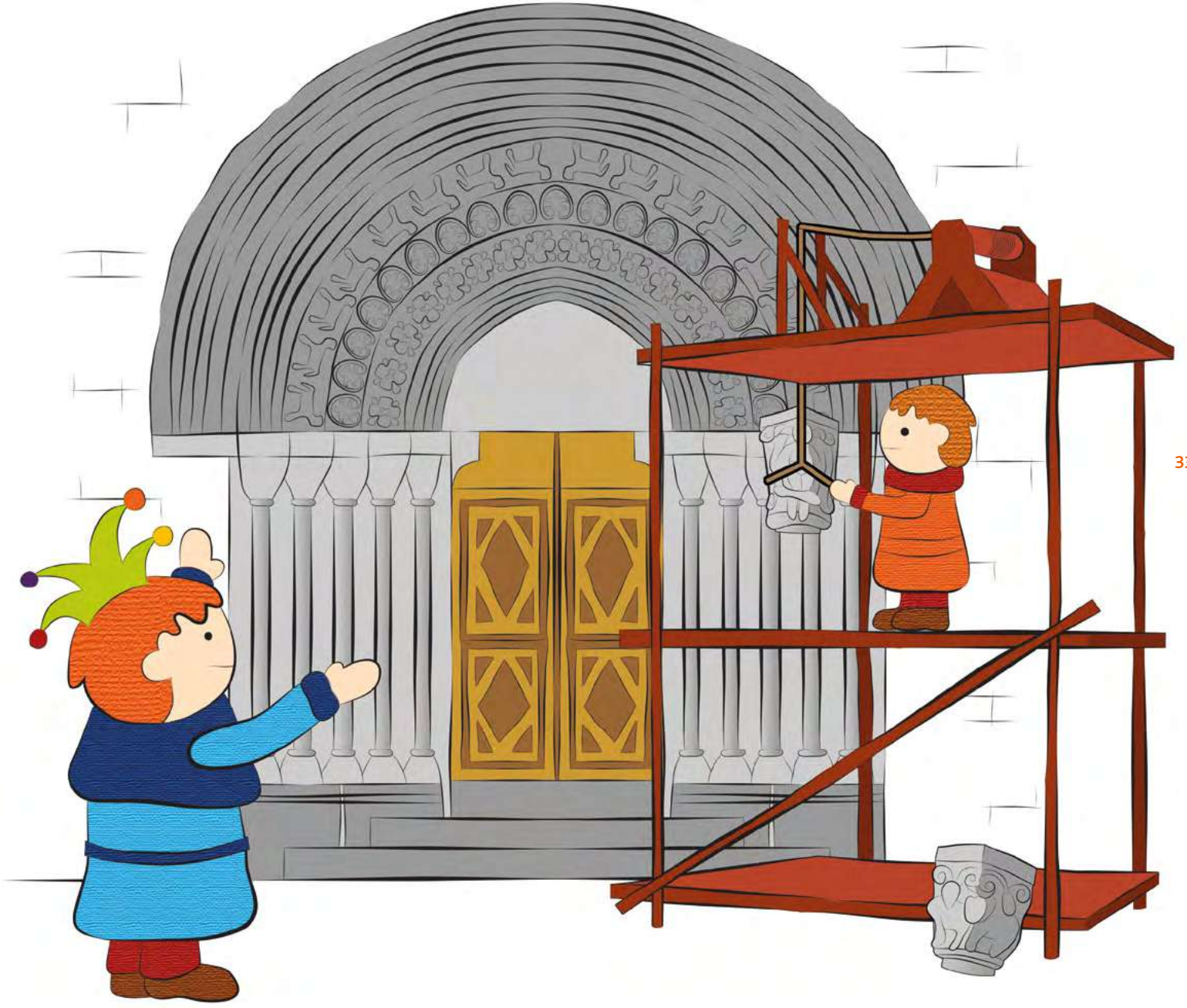
Depressa conseguiram preparar-se, e rapidamente iniciaram o percurso. A primeira pedra estava bastante próxima, no Mosteiro de Cête, depois passaram pelo Mosteiro de Paço de Sousa e pela Igreja de Boelhe, e, depois de atravessarem os rios Tâmega e Douro, chegaram à Igreja de Tarouquela. Passavam já quatro dias e ainda faltavam ver mais três pedras e já começavam a ficar exaustos, mas... o Diogo superava esses momentos através das suas brincadeiras tontas e de trambolhões que arrancavam sempre grandes risadas.

Encontravam-se, agora, na Igreja de Tabuado e, rapidamente, seguiram para o Mosteiro de Travanca e, depois, para a Igreja de Veade! Finalmente, tinham conseguido alcançar o primeiro objetivo. De facto, confirmavam-se as pedras, tal como Pedro tinha nos documentos que eram do seu bisavô! Em cada um dos monumentos eles realizaram uma cópia perfeita e trocaram as pedras para as levarem para o Mosteiro de Pombeiro. Já passavam catorze dias desde que Diogo tinha saído desse grande mosteiro das terras do Sousa, e agora só teriam um dia para lá chegarem!



Fizeram um último esforço e lá conseguiram chegar, apesar da escuridão que se fazia sentir cada vez mais! Diogo dirigiu-se ao mosteiro e pediu para chamarem Benjamim. Num derradeiro esforço, e com a ajuda dos monges, conseguiram colocar as sete pedras esculpidas, duas no portal sul e cinco no portal principal. E qual não foi o espanto quando, na última, o sol começou a brilhar como nunca! Na realidade, aquelas pedras tinham sido elaboradas propositadamente para aqueles portais. Sem dúvida que pareciam contar muito da história da construção inicial do Mosteiro de Pombeiro e da vida daqueles tempos!

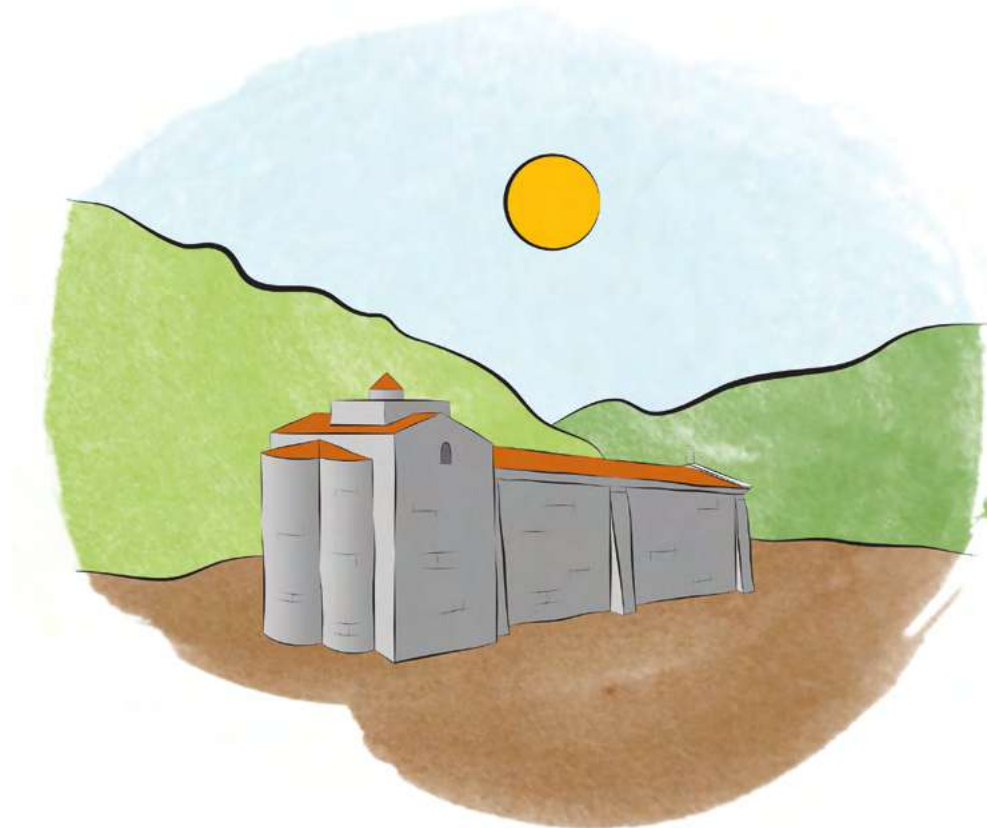
Começaram a ouvir-se festejos de todos os habitantes das terras do Sousa. Juntamente com os monges, todos prepararam uma magnífica festa, na qual o Diogo realizou as suas belas acrobacias e brincadeiras imparáveis que tornaram o momento ainda mais especial.



E lá se ouviu novamente a rima que todos usavam antes de Diogo atuar:

**Salta, salta, Saltimbanco,
Salta, salta, Diogo sem parar,
Com os teus saltos e alegria,
A diversão vai começar!**

Diogo, Benjamim e Pedro, apesar do cansaço, estavam tão felizes que festejaram durante três dias!!! A força, a coragem, a união e a amizade que eles demonstraram só revelam que, também há muitas centenas de anos, estes eram, e ainda hoje continuam a ser, os elementos capazes de superar qualquer obstáculo!







Diogo e o mistério das sete pedras é uma história para crianças e adultos que nos faz recuar ao imaginário do passado, com um protagonista muito divertido – Diogo, o Saltimbanco. Ele nasceu na aldeia da Galheira, na serra de Montemuro, e desde criança gostava de distribuir alegria por quem o rodeava. Mas, um dia, a tristeza de um amigo leva-o para uma nova aventura, à descoberta de sete pedras muito peculiares. Será que o Diogo e os seus amigos Benjamim e Pedro vão conseguir resolver o mistério?...

ISBN 978-989-53883-2-5



9 789895 388325